



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8572 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

DESCORTINANDO A LITERATURA INFANTIL: ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E PRÁTICAS DE ENSINO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE OUVIDOR/GO

Altina Abadia da Silva - UFG/CAMPUS DE CATALÃO - UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIAS

Beatriz Abdalla da Silva - CAMPUS AVANÇADO DE CATALÃO/UFG

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

DESCORTINANDO A LITERATURA INFANTIL: ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E PRÁTICAS DE ENSINO LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO INFANTIL DE OUVIDOR/GO

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de iniciação científica, realizada a partir das práticas de ensino literário da educação infantil. No contexto escolar, urge o propiciar de um ensino-aprendizagem emancipador, para a formação de sujeitos críticos deslocando a perspectiva da Literatura somente como decodificação de signos e reforço de habilidades linguísticas, para apropriação das práticas de leitura e sua potência social, como fator de civilização e humanização, que de acordo com Cândido (2011) “confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, afinamento das emoções, capacidade de penetrar nos problemas da vida (...)”, (re)afirmando e (re)significando a vivência de si e do mundo. A aprendizagem da leitura e a alfabetização compõem este ato, devendo ser democrático e acessível a todas e todos (FREIRE, 1996).

A importância deste trabalho se dá no relacionar da pesquisa às esperanças e necessidades na busca de uma sociedade democrática e livre. Na sociedade capitalista é imposto um sistema de opressão acometendo mulheres, através de instituições organizadas de forma que alijam o trabalho feminino e a condição da mulher (SAFFIOTI, 2001), colocando-as em uma relação de dominação-exploração, categorizando os gêneros socialmente e instituindo um sistema de valores hegemônicos e unilaterais, em que se tem a família patriarcal como mediação entre o mundo público e privado, configurando-se pela autoridade da figura masculina, além da base desigual de distribuição de poder entre adultos e crianças,

que apequena esta fase de desenvolvimento. Posto isto, esta análise buscou compreender e explorar as práticas de literatura infantil propostas por quatro agentes de uma escola pública municipal, a atuação destas na Biblioteca da escola e o tangenciar desenvolvimento infantil e literatura, relacionados à formação histórico-social do Ser mulher no desenvolvimento infantil.

DESENVOLVIMENTO

Este trabalho teve como prisma a psicologia sócio-histórica proposta por Vygotsky (2010) e seus colaboradores, que visa uma formação humanista das do desenvolvimento humano, compreendido por suas funções psíquicas e sociais de unidades entre o corpo e alma que constituem o ser, e das relações sociais na dialética da ação humana, em problemáticas culturais associadas ao capital. De acordo com Bonin (1996, apud LUCCI, 2016) esse desenvolvimento é estipulado a partir da relação de si, do outro e do meio histórico, social e cultural integrados, sendo expresso por meio de instrumentos de mediação, dando enfoque à Linguagem. Por assim sendo, a linguagem é um meio ativo, de materialização da (re) construção individual e coletiva, destacando a importância do letramento literário, e a literatura como arte da palavra, ao passo que “nosso mundo é aquilo que ela nos permite dizer, isto é, a matéria constitutiva do mundo é, antes de mais nada, a linguagem que o expressa” (COSSON, 2009, p. 15).

Reconhecendo a importância das agentes escolares como parte do protagonismo do ensino, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas de forma remota, tendo em vista as reflexões dos sujeitos entrevistados no que se refere às práticas educacionais de literatura. As quatro agentes de ensino entrevistadas foram: duas agentes educacionais - uma responsável pela biblioteca (A¹) e uma na direção pedagógica (B¹) e duas docentes (D¹, D²) da educação infantil. As perguntas relacionaram-se às contribuições da literatura no desenvolvimento infantil, o papel e espaço que a literatura nas aulas, a seleção dos títulos utilizados quanto as feminilidades e masculinidades expostas, intervenções (ou não) acerca do recorte de gêneros quanto às feminilidades e masculinidades, que são advindas de um padrão histórico (SABAT, 2004). A metodologia qualitativa possibilitou maior compreensão das construções sociais e práticas educacionais através da observação participativa, pela reflexão acerca das relações de poder homem-mulher instituídas. O método possibilitou uma investigação feminista dialética (OLSEN, 2016), partindo do despertar de consciência da observação através da *práxis*, relacionada a conceitos da Psicologia Histórico-Cultural e Pedagogia Histórica-Crítica e a socialização das categorias de gênero.

Jouve (2010) divide as proposições da literatura em *atos: concreto e visual, cognitivo, afetivo, argumentativo e simbólico*. *Concreto e visual*, na medida que sua compreensão demanda competências, advindas neste estudo das zonas de desenvolvimento proximal (Vygotsky, 2010), como forma de mediação é necessário deslocar a perspectiva obra-criança para criança-obra, tendo as crianças como produtoras e construtoras destas competências. Ambas as docentes (D¹ e D²) atentam-se, além da seleção dos gêneros textuais, à diversificação dos títulos e temas. O *ato afetivo* se dá na identificação do leitor com o objeto literário social e/ou culturalmente, na transferência impulsionada pela emoção, apropriação da leitura e suas práticas. D¹ aponta as práticas adotadas ao ensino de literatura aliadas ao despertar do gosto por esta, para que os (as) discentes “leiam por prazer”, frente a uma literatura que represente suas diferenças.

O *ato argumentativo* advém da interpelação do (da) leitor (a), desenvolvendo sua autoexpressão, ampliando seus referenciais, para que estes não endossem estereótipos de feminilidades, colocando-os frente às contradições, para a formação de sujeitos pensantes e questionadores, o objetivo da formação literária portanto “(...) não é ter um aluno-autor, um

aluno-pintor ou um aluno-compositor, mas sim dar oportunidades a cada um de descobrir o mundo, a si próprio e a importância da arte na vida humana” (REVERBEL, 1997, p. 25). D¹ e D² apresentam a quebra de estereótipos dos gêneros, através de discussões e atividades nas aulas, D² apresenta o peso do “rosa e azul” em diversas atividades, afastando-se da lógica de socializar gênero a cores e saberes. D¹ questiona posicionamentos hegemônicos para além da literatura, as reações das crianças quanto a estes guiam as práticas com relação ao tema, para que seja aprofundado.

Já o *ato simbólico* transparece o imaginário coletivo, destacando as manifestações culturais e sociais da obra, em sua expressão e do (da) discente, no que tange a compreensão. Logo, estas manifestações são fatores indispensáveis à humanização, ao passo que

Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação da educação familiar, grupal e escolar (CÂNDIDO, 2011, p. 177).

Dessa forma, as marcas identitárias dos povos são construídas a partir de sentidos e valores de bens culturais, sendo uma manifestação universal e atemporal, de si com o mundo. A literatura infantil, pautada da reprodução de feminilidades normativas construídas social e culturalmente, concebe com anormalidade as identidades das alunas se estas fogem de moldes hegemônicos.

A escolha das obras a serem lidas é realizada pelos (as) discentes, com a mediação das agentes escolares, o que interfere positivamente na emancipação dos sujeitos, atentando-se a passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia (FREIRE, 1996) - no exercício de sua liberdade e na busca por um ensino libertador. Tanto D¹ quanto D² buscam reproduzir uma lógica pautada na diversidade, pluralidade e que se afaste de ideais tradicionais, e velhas formas do saber.

CONCLUSÕES

Parafraseando Antônio Cândido (1988), a literatura é um instrumento poderoso na educação e criticidade, fornecendo a possibilidade de se viver dialeticamente as construções de si e do todo. O descortinar das relações de gênero nas práticas literárias da educação infantil é de ordem dialética, propondo a reflexão acerca destas práticas e da Literatura como fator de rompimento do estado das coisas, se faz, portanto a partir das inquietações do Ser, interferindo diretamente no desenvolvimento infantil, ao passo que é exposta através da linguagem - instrumento mediador das relações histórico-culturais de ordem patriarcal, materializando sentidos do processo educacional. Tendo o ser humano como um indivíduo histórico, este se realiza através de suas relações, e tem seus conhecimentos e significados sociais em constante mudança, na alteração de pequenos movimentos do micro ao macro, é importante atentar-se que a barbárie também é mutável, expressando-se através de ações de violência simbólica, como a inércia das práticas educativas, dos currículos de base e de políticas públicas, que seguem as estruturas sociais, não existindo assim conhecimentos isentos de valores ou enunciados neutros.

A Literatura Infantil pode muito, a partir desta perspectiva as potencialidades da Literatura são expostas como um “instrumento de pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos” (TODOROV, 1939, p. 77). E ainda que em um nível modesto, a estética e estrutura das histórias infantis têm se ressignificado, assim como as práticas literárias. Na escola *locus* da pesquisa as agentes educacionais vão além da condição imposta da associação do cuidar ao feminino, realizando um trabalho muito significativo, ao abordar questões de transgressão a violências e moldes de feminilidades e ao neoliberalismo vigente. Estas dispõem de um olhar sensível as singularidade e pluralidades das alunas e

alunos- ao passo que estes também são acometidos por estas estruturas de poder. Portanto, as mudanças para estas estruturas estão na educação inicial e continuada, para a formação de professoras e professores críticos, e na potência da pesquisa acadêmica, além de uma renovação das diretrizes e políticas públicas mais efetivas, para garantirem às alunas e alunos os seus direitos, de escolarização e cultura, abrangendo suas diferenças, subjetividades e pluralidades.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Infância; Ser mulher; Desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

BECKER, Celia Doris. **História da literatura infantil brasileira**. In.: SARAIVA, Juracy Assmann. Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação. Porto Alegre. Artmed, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** /Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

CANDIDO, Antônio. *O direito à literatura*. In: _____. *Vários Escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.

FRANCHETTI, Paulo. **Ensinar literatura para quê?** Revista Desenredos, Teresina, ano I, n. 3, nov./dez. 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Unesp, 2002. Trad. Brigitte Hervot.

OLESEN, V. L. **Os feminismos e a pesquisa qualitativa neste novo milênio**. In: DEZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 219-257.

SABAT, Ruth F. R. **Só as quietinhas vão casar**. In: MEYER, Dagmar E. E. et al. (Org.) Saúde, Sexualidade e Gênero na Educação de Jovens. Porto Alegre: Mediação, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth IB. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 16, p. 115-136, 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332001000100007&lng=en&nrm=iso>. acesso em 12 de abril de 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-83332001000100007>.

_____, *Quem tem medo dos esquemas patriarcais de pensamento?* Crítica Marxista, São Paulo, n. 11, out. 2000.

VYGOTSKY, Lev Semenovich, 1896-1934 V741L. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**/ Lev Semenovich Vygotsky, Alexander Romanovich Luria, Alex N. Leontiev; tradução de: Maria da Pena Villalobos. - 11a edição - São Paulo: ícone, 2010.